

“PROGRESSO”

Assis da Costa Oliveira¹

A estrada que corta toda todinha
A cidadezinha...
Pincela de asfalto
(Um charme)
O resto de terra batida.
Os homens trafegam de dia e de tarde
E todo mundo sabe pra onde vão.

Na cidadezinha...
Uma única vila, arraial, igreja, taberna...
Não há muito o que se ver por fora
Mas essa gente é rica...

Um pai ensina o filho a pescar:
Arte sagrada, de homem pra menino;
Uma mãe ensina a filha a dançar
O lundum: coisa sagrada,
Que estrangeiro não entende,
Entende só que é bonito
E mais bonito em álbum de fotografia.

Seu Joça foi pra cidade
Tião vai ter mais um filho
Zeca perdeu quase toda a plantação
Jornal aqui ninguém precisa...

¹ Professor da Faculdade de Etnodiversidade da Universidade Federal do Pará, *Campus* de Altamira. Doutor em Direito pela Universidade de Brasília. Coordenador do Grupo de Trabalho “Direitos, Infâncias e Juventudes” do Instituto de Pesquisa Direitos e Movimentos Sociais. Advogado.

E o tempo, matuto, passa...

O trabalho outrora ardo, agora é mais ardo...

Antes bom era lavoura

Pra se ajuntar com o vizinho.

Agora o fel são os pesticidas

Pra acarinhar o lucro do patrão.

E a pesca... tão pouca, quase nada,

O pai só ensina por ensinar o menino a pescar

-Ele vai pra cidade, vai se doutor!

Vai pra cidade, vai mendiga a vida...

Perde o peixe, mas ganha uma carteira de sub-trabalhador.

Perde as terras, mas ganha um lugar

Na invasão.

Agora

A pincelada é a terra batida

O asfalto come a estrada

A televisão come as rodinhas

A modernidade come a tradição

O menino cresce longe do arraial

Mas volta...

Quer fazer riqueza

Com plantação de soja,

O futuro, ele diz, está na mecanização!

Na cidade

Seu Joça nunca mais apareceu,

Tião talvez tenha mais um neto,

Zeca possivelmente compre mais um trator.

A cidade precisa de jornal!

Um pai ensina pro filho informática,
Uma mãe leva a filha pro balé,
Três largas vias cortam a cidade,
Há projetos pra viadutos, cinemas, metrô...
O progresso avança selva adentro...

Sobem os muros, multiplicam-se as praças,
Taberna agora é supermercado!...
Mas pro lundum já não há moças,
Pra pesca já não há barcos...
Hoje, na cidade,
Há muita coisa pra se ver por fora
Mas essa gente é pobre!



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Submetido em 04/06/2020.

Aprovado em 18/07/2020.